

Cultura negra no observatório da discriminação racial no futebol: problematizações potentes para a Educação Física Escolar

Anna Flávia Nascimento Jesus¹

Daniel Teixeira Maldonado²

Resumo:

Esse estudo tem como objetivo analisar as publicações realizadas no observatório da discriminação racial no futebol sobre as relações raciais que atravessam essa manifestação da cultura corporal, com a intencionalidade de produzir saberes que possam ser problematizados nas aulas de Educação Física Escolar. Trata-se de pesquisa qualitativa de interpretação de documentos em ambiente virtual on-line. Foram analisados textos publicados nas abas “observatório”, “legislação”, “história” e “entrevista” no referido meio de comunicação. O material empírico foi submetido à análise temática. Os temas produzidos foram: características do observatório da discriminação racial do futebol; cenas de racismo no futebol brasileiro; aparato legislativo produzido sobre o racismo no futebol; e histórias de resistências dos(as) atletas negros no mundo da bola. Embora o racismo continue sendo uma mancha no futebol, a conscientização, a educação e a implementação de políticas públicas são passos essenciais para criar um ambiente no qual essa prática corporal possa verdadeiramente celebrar a diversidade e a equidade. Consideramos que as problematizações sobre as relações raciais que atravessam o futebol são potentes temas para as aulas de Educação Física, pois podem ampliar a leitura de mundo dos(as) estudantes no sentido de transformar essa realidade e construir uma sociedade com justiça social.

Palavras-chave:

Futebol. Cultura Negra. Racismo. Educação Física Escolar.

Black culture in the observatory of racial discrimination in football: powerful problematizations for School Physical Education

Abstract: This study aims to analyse the publications carried out at the observatory of racial discrimination in football on the racial relations that permeate this manifestation of body culture, with the intention of producing knowledge that can be problematized in School Physical Education classes. This is qualitative research on document interpretation in an online virtual environment. Texts

¹ Estudante do curso Técnico integrado ao Ensino Médio em Administração do Instituto Federal de São Paulo - campus Jacareí. Bolsista do programa PIBIC -EM de iniciação científica. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3516-9023>

² Doutor em Educação Física. Pós-Doutor em Educação. Docente do Instituto Federal de São Paulo - campus Jacareí. E-mail: danielmaldonado@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0420-6490>

published in the tab's "observatory", "legislation", "history" and "interview" in the aforementioned media outlet were analysed. The empirical material was subjected to thematic analysis. The themes produced were: characteristics of the football racial discrimination observatory; scenes of racism in Brazilian football; legislative apparatus produced on racism in football; and stories of resistance from black athletes in the world of football. While racism remains a stain on football, awareness, education and implementation of public policy are essential steps to creating an environment in which this bodily practice can truly celebrate diversity and equity. We consider that the problematizations about racial relations that permeate football are powerful themes for Physical Education classes, as they can broaden students' understanding of the world in order to transform this reality and build a society with social justice.

Keywords: Soccer. Black Culture. Racism. School Physical Education.

La cultura negra en el observatorio de la discriminación racial en el fútbol: poderosas problematizaciones para la Educación Física Escolar

Resumen: Este estudio tiene como objetivo analizar las publicaciones realizadas en el Observatorio de la Discriminación Racial en el Fútbol sobre las relaciones raciales que permean esta manifestación de la cultura corporal, con la intención de producir conocimientos que puedan ser problematizados en las clases de Educación Física Escolar. Se trata de una investigación cualitativa sobre interpretación de documentos en un entorno virtual en línea. Se analizaron textos publicados en las pestañas "observatorio", "legislación", "historia" y "entrevista" en el citado medio de comunicación. El material empírico fue sometido a análisis temático. Los temas producidos fueron: características del observatorio de discriminación racial en el fútbol; escenas de racismo en el fútbol brasileño; aparato legislativo producido sobre el racismo en el fútbol; e historias de resistencia de deportistas negros en el mundo del fútbol. Si bien el racismo sigue siendo una mancha en el fútbol, la concientización, la educación y la implementación de políticas públicas son pasos esenciales para crear un entorno en el que esta práctica corporal pueda realmente celebrar la diversidad y la equidad. Consideramos que las problematizaciones sobre las relaciones raciales que permean el fútbol son temas poderosos para las clases de Educación Física.

Palabras clave: Fútbol. Cultura negra. Racismo. Educación Física Escolar.

1 Introdução

Com a intencionalidade de problematizar a perspectiva histórica colonizada da Educação Física como área de conhecimento (FORMOSO, 2022; SOUZA, 2022), principalmente após a ditadura cívico-militar implementada no Brasil no golpe de 1964, conhecimentos contra hegemônicos e de resistência começam a ser produzidos, tensionando a perspectiva biológica sobre o corpo e o movimento que validavam o paradigma da aptidão física. Nesse cenário, passa-se a se defender a cultura corporal como objeto de estudo da Educação Física Escolar, possibilitando o debate sobre uma práxis dos(as) docentes desse componente curricular que levassem em consideração os interesses e a produção cultural dos grupos subalternizados e oprimidos (CAVALCANTI, 2022).

Neira (2014) menciona que as práticas corporais podem ser compreendidas como uma parcela da cultura mais ampla que contempla todos os saberes e representações relacionados às danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras. Dessa forma, as aulas de Educação Física ganham novos sentidos e significados, pois a sua função social passa a ser ampliar a

leitura de mundos dos(as) estudantes sobre os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade relacionados a essas manifestações culturais, enfatizando a construção de uma sociedade com justiça social (MALDONADO; SILVA; MARTINS, 2022).

Como não poderia ser diferente, intelectuais contemporâneos têm refletido sobre a possibilidade de se construir aulas de Educação Física Escolar em uma perspectiva antirracista, valorizando a identidade negra, a experiência produzida pelos corpos negros e os saberes da cultura afro-brasileira que atravessam as práticas corporais (COELHO, 2023; CORSINO; CONCEIÇÃO, 2016; NOBREGA, 2020).

Na perspectiva de Maldonado e Neira (2021), as relações étnico-raciais que atravessam as manifestações da cultura corporal são temas potentes para efetivar a valorização da negritude brasileira nas aulas de Educação Física, principalmente após a publicação da lei 10.639/2003, que coloca em evidência a produção cultural de grupos que foram historicamente marginalizados e subjugados em diversos contextos da sociedade.

Por conta das questões apontadas e em diálogo com Oliveira e Maldonado (2023), entende-se que é relevante analisar as publicações realizadas por meios de comunicação progressistas que se especializaram em produzir conhecimentos relacionados com as relações étnico-raciais que atravessam as práticas corporais, com a intencionalidade de produzir conhecimentos que possam ser problematizados nas aulas de Educação Física na Educação Básica.

Assim, o objetivo desse estudo foi analisar as publicações realizadas no observatório da discriminação racial no futebol sobre as relações raciais que atravessam essa manifestação da cultura corporal, com a intencionalidade de produzir saberes que possam ser problematizados nas aulas de Educação Física Escolar.

2 Metodologia

Trata-se de pesquisa qualitativa de interpretação de documentos (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009) em ambiente virtual on-line. Na perspectiva de Lüdke e André (2003), a análise documental se constitui como uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um determinado problema. São considerados documentos quaisquer materiais escritos que possam ser utilizados como fonte de informação sobre o comportamento humano, sendo que a escolha do material de análise nunca é aleatória. Existe sempre alguns propósitos, ideias ou hipóteses guiando essa seleção.

Assim, essa pesquisa buscou respostas ao objetivo do estudo nos dados verbais das reportagens disponíveis no site do observatório da discriminação racial no futebol, por conta de um escopo editorial crítico, reflexivo e que valoriza a cultura negra. Nesse contexto, o referido espaço midiático é um projeto que acredita no futebol como um importante instrumento de inclusão social e de luta contra a violência e o preconceito. Com base nisso, visa utilizar a força do esporte mais popular do Brasil para debater, alertar e conscientizar sobre a discriminação racial no futebol brasileiro.

A investigação foi efetuada em etapas: 1. Exploração de todas as abas disponíveis do endereço eletrônico do observatório da discriminação racial do futebol; 2. Localização dos textos sobre as relações étnico-raciais que atravessam o futebol; 3. Leitura do acervo digital que versa sobre a temática da pesquisa; 4. Seleção dos textos disponibilizados nas abas “observatório”, “legislação”, “história” e “entrevista”; 5. Análise temática; 6. Produção dos

temas e discussão com a literatura. No quadro abaixo será possível identificar todos os materiais analisados.

Quadro 1 – Textos do Observatório da discriminação racial utilizados na investigação

| Aba | Reportagem |
|--------------|--|
| Observatório | Relatórios anuais da discriminação racial no futebol (2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022) |
| Observatório | Levantamento sobre a diversidade no futebol brasileiro |
| Legislação | Quem punir e como punir |
| Legislação | O que diz o CBJD |
| Legislação | O que diz a FIFA |
| Legislação | O que diz a Conmebol |
| Legislação | Estatuto da Defesa do Torcedor |
| Legislação | Convenção Internacional |
| Legislação | Lei Crime Racial 7716/89 |
| Legislação | Injúria Racial |
| Legislação | Casos de racismo punidos pela Justiça Desportiva |
| Legislação | Discriminação pela internet, como denunciar |
| História | Futebol a cores, uma história de racismo no Rio Grande do Sul |
| História | Ponte quer provar que foi 1º clube a ter negro |
| História | Como futebol e sociedade se uniram para integrar os negros |
| História | Entre negros e brancos: considerações sobre a formação da cultura futebolística em Salvador |
| História | Clubes pioneiros na inserção do jogador negro no futebol brasileiro |
| História | Negros formaram ligas de futebol informais no início do século XX |
| História | O primeiro grupo brasileiro punido por racismo |
| História | Liga da Canela Preta |
| Entrevista | Diego Moraes |
| Entrevista | José Antônio |
| Entrevista | Salvador Moya |
| Entrevista | O racismo no futebol e a omissão das autoridades |
| Entrevista | Da desistência de denunciar um crime |
| Entrevista | Pelo fim das provocações preconceituosas entre os rivais |
| Entrevista | Futebol racista: a discriminação de ontem e hoje |
| Entrevista | Como o futebol moldou a identidade cultural do brasileiro |
| Entrevista | Futebol e racismo: o mito da democracia racial em campo |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Destaca-se que o site do observatório apresenta reportagens jornalísticas, palestras e vídeos disponibilizados no YouTube publicados entre os anos de 2003 e 2024. Todavia, esses materiais não foram analisados na pesquisa.

O material empírico selecionado foi submetido à análise temática, que possibilita fornecer uma descrição mais detalhada e diferenciada sobre um determinado tema específico ou grupo de temas. Portanto, a análise temática envolve a busca, a partir de um conjunto de materiais, sejam originários de entrevistas, grupos focais ou de uma série de textos, de

encontrar os padrões repetidos de significados, por meio de um constante movimento de reflexão crítica (BRAUN; CLARKE, 2006).

As seis fases da análise temática foram utilizadas nesta pesquisa, como sugerido por Braun e Clarke (2006). Na fase 1, nos familiarizamos com os dados, mergulhando no material com a intencionalidade de alcançar com profundidade e amplitude o conteúdo. Na fase 2, produzimos códigos iniciais a partir dos dados. Ao iniciar a construção dos temas, entramos na fase 3 da análise temática, que se efetivou quando todos os códigos estavam codificados e agrupados no conjunto dos dados. Durante a fase 4, revisamos os temas e os extratos codificados, produzindo um refinamento da análise temática. Assim, entramos na fase 5 com a definição e denominação dos temas. A fase 6 foi organizada pela escrita dos dados produzidos, fornecendo uma análise concisa, coerente e lógica.

3 Resultados e Discussão

Foram encontrados no observatório da discriminação racial no futebol a história e principais características do espaço midiático, 10 relatórios de discriminação racial dessa prática corporal (2014-2022), um levantamento sobre a diversidade no futebol brasileiro, nove textos que versam sobre a legislação relacionada com o racismo no mundo da bola, 17 reportagens/entrevistas que discutem diferentes contextos relacionados com os(as) atletas negros de futebol e casos de racismo na respectiva prática esportiva, além do manual de antirracismo no esporte.

As categorias temáticas levantadas na análise foram: características do observatório da discriminação racial do futebol; cenas de racismo no futebol brasileiro; aparato legislativo produzido sobre o racismo no futebol; e histórias de resistências dos(as) atletas negros no mundo da bola.

3.1 Características do observatório da discriminação racial no futebol

O observatório³ é um projeto que acredita no futebol como um importante instrumento de inclusão social e de luta contra a violência e a discriminação racial. O projeto foi idealizado com o objetivo de monitorar, acompanhar e noticiar os casos de racismo no futebol brasileiro, assim como divulgar e desenvolver ações informativas e educacionais. Por conta dessa característica, tem se tornado uma ferramenta de consulta para pesquisas acadêmicas, imprensa e público em geral, interessados no debate e na construção do conhecimento.

Dentre os conteúdos do observatório, destaca-se o compartilhamento de notícias que envolvam casos de racismo no futebol; a divulgação de campanhas que visam o combate ao racismo; a divulgação de histórias e fatos sobre a participação do negro no futebol brasileiro; além de entrevistas com jogadores(as), técnicos, dirigentes, jornalistas e representantes de entidades sobre o racismo no futebol.

Os meios de divulgação do projeto são o canal @ObservatorioFutebol no YouTube, que possui vídeos curtos, transmissões ao vivo e *playlists* que acumulam entrevistas de participantes, documentários sobre mulheres atletas, pautas de conscientização, matérias sobre abuso sexual, produção jornalística sobre discriminação e preconceito, debates sobre

³ Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/>

homofobia, campanhas e matérias relacionadas com o machismo, aparições do projeto em canais de telecomunicação, a monitoria e divulgação de casos de racismo no esporte e o alcance de suas adesões em campanhas de conscientização.

Outros espaços midiáticos produzidos pelos integrantes do observatório são: o Instagram @observatorioracialfutebol, que possui publicações acompanhadas da #PorMaisRespeito com arquivos de mídia, textos descritivos e links de conteúdo jornalístico sobre casos de violência e discriminação. Já o X (Twitter) @ObRacialFutebol apresenta postagens diárias de materiais jornalísticos sobre casos de todos os tipos de preconceito, além de contar com a integral presença da original #PorMaisRespeito. Por fim, no Facebook do projeto é possível acessar todas as menções feitas à página, assistir aos vídeos localizados dentro e fora das *playlists* (sobre aparições do projeto em programas de TV, o relatório da Discriminação Racial no Futebol e a Campanha #BlackLivesMatterFootball) e contemplar imagens em divisões de álbuns de acordo com suas respectivas publicações que comumente acompanham textos e links de material jornalístico e a #PorMaisRespeito.

3.2 Cenas de racismo no futebol brasileiro

Envolto na disposição de fatos em canais de transmissão de notícias e presente como meio de veiculação midiática de comunicação em massa, o observatório da discriminação racial no futebol propicia e possibilita a construção de uma consolidação argumentativa em diferentes âmbitos de ampla discussão acerca das cenas de racismo no futebol brasileiro presenciadas e vividas diariamente durante os anos. Alguns dos diversos materiais disponibilizados na rede são os relatórios anuais da discriminação, idealizados com o objetivo de monitorar, acompanhar e noticiar os casos de racismo no cenário futebolístico em nosso país, assim como divulgar e desenvolver ações informativas e educacionais.

Esses relatórios tratam de uma análise sistêmica sobre as infrações raciais no futebol brasileiro. No documento são apresentados os casos de injúria e racismo ocorridos no esporte em nosso território, correspondentes ao período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de cada ano. A análise de dados e informações sobre os desdobramentos dos casos, assim como suas respectivas punições aos envolvidos, são feitas apenas em relação aos incidentes classificados como os de “racismo no futebol”.

Os relatórios também expõem os casos de preconceito e discriminação com atletas brasileiros no exterior, buscando usar o esporte como ferramenta para corrigir, informar e conscientizar para o fim do racismo, não apenas na prática esportiva, mas sim no dia a dia nas vidas de todos nós para uma sociedade mais justa e equitativa. Ao total se encontram 10 relatórios disponíveis no observatório, referentes aos anos de 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020 e um relatório complementar referente ao mesmo ano, 2021 e 2022⁴.

Ao analisar esse material, foi possível perceber que as torcidas muitas vezes são responsáveis por propagar o racismo nos estádios, por meio de canções, cartazes e gestos discriminatórios direcionados aos(às) jogadores(as) pardos, pretos, amarelos e indígenas. Esses comportamentos criam um ambiente hostil e intimidador para os(as) atletas, afetando não apenas o seu desempenho, mas também a sua saúde mental. Exemplos recentes de racismo

⁴ Todos os relatórios podem ser acessados em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/relatorios-anuais-da-discriminacao/>

nas torcidas incluem o uso de bananas como gesto ofensivo, insultos racistas durante os jogos e discursos de ódio em redes sociais.

Entretanto, casos de racismo também ocorrem durante as partidas, com atletas sendo alvos de insultos e agressões verbais por parte de adversários. Essas situações são especialmente prejudiciais, pois ocorrem em um ambiente no qual os(as) jogadores(as) estão concentrados em competir e podem ser particularmente desestabilizadores emocionalmente. Além de ofensas verbais, também existiram casos de agressões físicas motivadas por racismo, como empurrões, disparos de saliva e até mesmo confrontos mais violentos.

Um dos maiores desafios na luta contra o racismo no futebol é a falta de punições adequadas para os(as) responsáveis por esses atos. Muitas vezes, os(as) agressores(as) não enfrentam consequências significativas, o que perpetua a impunidade e encoraja comportamentos racistas. As punições impostas pelos órgãos disciplinares do futebol são vistas, em diversas situações, como brandas e insuficientes para desencorajar futuros incidentes de racismo. Isso cria um ciclo de impunidade que é profundamente prejudicial para a integridade do esporte.

O racismo no futebol não afeta apenas os indivíduos diretamente envolvidos, mas também tem um impacto mais amplo no esporte como um todo. A discriminação racial cria um ambiente tóxico que pode afastar talentos promissores e retroceder os esforços para diversidade e inclusão. Além disso, atitudes racistas no meio futebolístico prejudicam a reputação do contexto esportivo e afastam potenciais fãs e investidores, interrompendo o seu potencial de crescimento e desenvolvimento.

Nesse cenário, as vítimas de racismo no futebol também enfrentam a discriminação sistêmica e comportamentos racistas por parte de todas as pessoas envolvidas com o mundo da bola. Essas experiências podem causar danos emocionais profundos e afetar o desempenho dos(as) atletas e o interesse do público em frequentar e acompanhar os jogos.

Ao analisar o último relatório da discriminação racial no futebol publicado no ano de 2022⁵, foi possível identificar um considerável aumento no número de casos de racismo nessa manifestação da cultura corporal desde 2014, com uma queda no período da pandemia por conta da suspensão das partidas. Infelizmente, 233 situações racistas foram evidenciadas na última publicação do referido documento. Dentre os inúmeros casos de racismo no futebol apontados no observatório durante esse período, alguns deles se tornaram muito emblemáticos.

Em 28 de agosto de 2014, durante uma partida da Copa Libertadores entre Grêmio e Santos, o goleiro Aranha foi alvo de ofensas racistas por parte de torcedores(as) gremistas, que imitaram sons de macaco e proferiram insultos racistas contra o jogador. O incidente foi amplamente divulgado e gerou indignação tanto no Brasil quanto internacionalmente⁶. Após investigação, a Confederação Sul-Americana de Futebol puniu o Grêmio com a eliminação da competição e uma multa de 200 mil dólares. Além disso, o clube foi obrigado a jogar suas partidas internacionais seguintes com portões fechados e enfrentou repercussões internas, com medidas disciplinares sendo tomadas contra os(as) envolvidos(as) no incidente. Este caso foi um marco importante na luta contra o racismo no futebol brasileiro, destacando a necessidade de medidas enérgicas contra comportamentos discriminatórios nos estádios.

5 Relatório disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2022/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIA_L_2022.pdf

6 Relatório disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2014/Relatorio_dos_casos_de_Discriminacao_Racial_no_Brasil_2014.pdf

No final de 2019, O ex-árbitro de futebol e comentarista da RBS TV Márcio Chagas da Silva foi vítima de xingamentos racistas durante um jogo, em Ajuricaba, na Região Noroeste do Rio Grande do Sul. Ele havia sido convidado para apitar a partida da final do campeonato municipal, entre os times América e Juventus, quando ouviu, de um homem que acompanhava o jogo: “apita direito, negro safado, se não apitar direito vão fazer que nem em Bento Gonçalves”. Chagas registrou ocorrência e crime será investigado. Na delegacia, o homem foi autuado por injúria discriminatória, e liberado. Não foi lavrado flagrante.

No dia 16 de setembro de 2022, o comentarista espanhol Pedro Bravo, presidente da Associação de Agentes Espanhóis, comparou Vinícius Jr. (jogador de futebol do Real Madrid) a um macaco ao criticar a comemoração de um gol. Internautas passaram a acusar o comentarista de racista. Personalidades brasileiras e internacionais prestaram apoio ao atleta brasileiro. Em comunicado oficial, o Real Madrid prestou apoio ao seu jogador. No final do mesmo ano, Vini foi novamente alvo de ofensas racistas por parte de alguns torcedores do Real Valladolid, que gritaram “mono” (macaco em português) para o brasileiro.

A reportagem intitulada ‘O primeiro clube brasileiro punido por racismo’⁷ aponta que o Juventude foi a primeira equipe em nosso território punida por racismo. O Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), em decisão unânime, aplicou multa de 200 mil reais e tirou o mando de campo de duas partidas. Denunciado pelo árbitro mineiro Alício Pena Júnior, que apitou a partida contra o Internacional no dia 22 de outubro de 2005, no Alfredo Jaconi, o Juventude foi penalizado pelos atos de sua torcida. Outras produções textuais também denotam a questão estrutural do racismo e de outras formas de preconceito no futebol, tais como ‘Futebol racista: a discriminação de ontem e de hoje’⁸, ‘Futebol e racismo: o mito da democracia racial’⁹ e ‘Pelo fim das provocações preconceituosas entre os rivais’¹⁰.

Além dos relatórios da discriminação racial e das matérias jornalísticas, duas entrevistas disponibilizadas no site do observatório problematizam o racismo no futebol. Diego Morais (jornalista) versa sobre a baixa quantidade de profissionais negros na televisão que cobrem os campeonatos da respectiva modalidade esportiva, apontando o racismo estrutural como o principal motivo para essa realidade¹¹. Salvador Rodríguez Moya, espanhol, Doutor em Humanidades pela Universidade de Almeria, jornalista, escreveu dois livros na Espanha, *Tarjeta Negra al Racismo* e *Mordisco al Racismo* (ambos sem tradução para o português), concedeu uma entrevista e problematizou sobre como o racismo é visto na Espanha, os trabalhos realizados naquele país e da luta para combater o preconceito¹².

Nesse contexto, se torna importante destacar que o racismo no futebol não é um fenômeno contemporâneo. Abrahão e Soares (2009) destacam a culpa da derrota da Copa do Mundo de 1950, disputada no Brasil, que recaiu sobre o goleiro Barbosa, ancorando as justificativas para o insucesso esportivo nas representações raciais brasileiras.

⁷ Reportagem disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/o-primeiro-clube-brasileiro-punido-por-racismo/>

⁸ Reportagem disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/textos/futebol-racista-a-discriminacao-de-ontem-e-hoje/>

⁹ Reportagem disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/textos/futebol-e-racismo-o-mito-da-democracia-racial-em-campo/>

¹⁰ Reportagem disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/textos/pelo-fim-das-provocacoes-preconceituosas-entre-os-rivais/>

¹¹ Entrevista disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/entrevistas/diego-moraes/>

¹² Entrevista disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/entrevistas/salvador-moya/>

A literatura científica também tem analisado casos de racismo no futebol nos últimos tempos. Bandeira e Seffner (2016) refletiram sobre os cânticos racistas entoados pela torcida na situação do goleiro Aranha no Rio Grande do Sul. Capraro e Cavalcanti (2009) discutiram o ocorrido na partida entre São Paulo e Quilmes pela Copa Toyota Libertadores da América de 2005, que originou a expulsão do brasileiro Grafite, passando pela denúncia de racismo feita pelo atleta brasileiro contra o argentino Desábato. Lise *et al.* (2015) analisaram os discursos referentes ao caso de racismo ocorrido na partida de futebol entre a *Asociación Civil Real Atlético Garcilaso* (Peru) e Cruzeiro Esporte Clube (Brasil), o qual vitimou Paulo César Tinga, atleta do clube brasileiro. Coimbra e Sousa (2023) problematizaram as ações racistas contra o jogador Vinícius Júnior no território europeu, evidenciando falas de animalização, desumanização e desmoralização dos sujeitos excluídos.

Na perspectiva de ampliar esse debate, Souza *et al.* (2015) apontam que apesar do discurso das autoridades que gerenciam o futebol internacionalmente relacionados ao combate sobre qualquer forma de discriminação, sobretudo as de cunho racial, o número de situações de cunho racista só aumenta no meio futebolístico, vide exemplos das ocorrências com alguns atletas/árbitros que nasceram no Brasil, como Aranha, Arouca, Tinga, Roberto Carlos e Márcio Chagas da Silva. Dessa forma, as autoras e os autores mencionam que as punições contra as pessoas que cometem esses atos são brandas, sendo muitas vezes meramente simbólicas, gerando uma espécie de normalização do racismo. Outro ponto interessante discutido na pesquisa é que se torna necessário olhar para o fenômeno de maneira mais ampla, refutando a ideia que atitudes racistas são apenas ocasionais e não estruturais.

Para finalizar o debate produzido nessa categoria temática, o levantamento sobre a diversidade no futebol brasileiro¹³ destaca um cenário alarmante, já que 41% das pessoas negras e 31% das indígenas entrevistadas afirmaram terem sido vítimas de racismo durante suas funções no futebol. Além disso, 52% dos(as) participantes dizem ter visto acontecer atitudes racistas com alguém. Os números de ataques advindos de torcidas em estádios (53,9%) e redes sociais (31%) mostram a relevância de se produzir campanhas educacionais sobre o tema e tornar mais rigorosas as punições para essas atitudes. Ao mesmo tempo, 11,4% dos(as) colaboradores(as) com o estudo afirmaram ter sofrido racismo dentro de centros de treinamentos e concentrações, evidenciando que o problema está longe de se restringir às ocasiões mostradas pelas telas que cobrem os jogos de futebol.

A pesquisa também mostra que 35% dos ataques sofridos pelas pessoas respondentes acontecem de forma recreativa - ou seja, com “piadas”, sendo que 15,8% dos(as) participantes afirmam terem sido atacadas por funcionários do próprio clube (atletas, dirigentes, entre outros). Dessa forma, essa realidade mostra a urgência da criação de iniciativas coletivas e integradas entre clubes e federações, a fim de transformar o cenário do futebol.

Indo ao encontro de todas as análises apontadas até aqui, o observatório destaca a necessidade urgente de combater o racismo no futebol e em todas as esferas da sociedade, promovendo a igualdade e o respeito mútuo. Algumas vítimas enfrentam discriminação institucional, como falta de oportunidades de avanço na carreira ou tratamento desigual em relação a colegas brancos, além disso, esse fenômeno também pode ter um efeito dominó, afetando não apenas o jogador individualmente, mas sua equipe e até mesmo a reputação do esporte em geral.

¹³ Levantamento disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/levantamento-sobre-a-diversidade-no-futebol-brasileiro/>

Portanto, em diálogo com Moraes (2024), evidenciamos que ao se ancorar em uma perspectiva de Educação Física Escolar antirracista, o(a) professor(a) que se assume politicamente tira a população negra/preta da condição de encarcerados(as) do destino. Assim, ao problematizar os casos de racismo no futebol, compreendendo que a sociedade capitalista trata o corpo preto como uma mercadoria descartável, inclusive nas práticas corporais, os projetos educativos desenvolvidos nas aulas desse componente curricular podem evidenciar o processo de desumanização da população negra ao longo dos anos, principalmente após o processo de escravização no continente africano, com a intencionalidade de transformar essa realidade no pensamento das novas gerações.

3.3 Aparato legislativo produzido sobre o racismo no futebol

Nos últimos anos, foi produzido um amplo aparato legislativo pelas instituições que regem o futebol na tentativa de punir casos de racismo e qualquer outra forma de discriminação. O tópico publicado no observatório intitulado ‘Quem punir e como punir’¹⁴ aponta que o parágrafo primeiro do artigo 243-G do Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD) abre a possibilidade de um clube perder pontos ou até ser excluído de uma competição em casos de racismo, apesar da ressalva se a discriminação for “praticada simultaneamente por considerável número de pessoas”, abrindo uma discussão de qual seria essa quantidade. Dessa forma, o aparato legislativo implica que manifestações individuais e coletivas de racismo devem ter punições diferentes.

Em continuidade com essa discussão, ‘O que diz o CBJD’¹⁵ amplia o debate mencionando que praticar qualquer ato discriminatório durante a prática esportiva pode gerar suspensão de cinco a 10 partidas, se praticada por atleta, mesmo se suplente, treinador(a), médico(a) ou membro da comissão técnica, e suspensão pelo prazo de 120 a 360 dias, se praticada por qualquer outra pessoa natural submetida a este Código, além de multa, de 100 reais a 100 mil reais.

O conteúdo ‘O que diz a FIFA’¹⁶ aponta o artigo 3 do estatuto da federação, que também menciona a proibição de qualquer tipo de discriminação contra um país, uma pessoa ou um grupo de cidadãos, sendo essa atitude passível de suspensão ou expulsão do futebol. A partir de 2013, uma nova resolução aprovada decidiu que um clube acusado de racismo pode ser excluído de competição ou rebaixado de divisão. A Confederação Sul-Americana de Futebol¹⁷ no seu regulamento da Libertadores da América determina que qualquer jogador(a) ou oficial que insulte ou atente contra a dignidade humana será suspenso por um mínimo de cinco jogos ou por um período de tempo mínimo de dois meses. A legislação ainda destaca que qualquer clube cujo torcedores(as) promovam atos de discriminação terá de pagar uma multa mínima de 100 mil dólares e poderá jogar uma ou várias partidas sem público.

¹⁴ Legislação disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/legislacao/quem-punir-e-como-punir/>

¹⁵ Legislação disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/legislacao/cbf/>

¹⁶ Legislação disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/legislacao/o-que-diz-a-fifa/>

¹⁷ Legislação disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/legislacao/o-que-diz-a-conmebol/>

Ainda no cenário mundial, a Convenção internacional sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial¹⁸, a qual o Brasil é signatário, é um dos principais tratados internacionais em matéria de Direitos Humanos. Foi adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 21 de dezembro de 1965, entrando em vigor em 4 de janeiro de 1969, declarando como delitos puníveis por lei, qualquer disseminação de ideias baseadas na superioridade ou ódio raciais, qualquer incitamento à discriminação racial como também qualquer assistência prestada a atividades racistas, inclusive seu financiamento.

No contexto brasileiro, o ‘Estatuto da Defesa do Torcedor’¹⁹, especificamente na Lei Nº 10.671, de 15 de Maio de 2003, destaca que são condições de acesso e permanência do(a) torcedor(a) no recinto esportivo não portar ou ostentar cartazes, bandeiras, símbolos ou outros sinais com mensagens ofensivas, inclusive de caráter racista ou xenófobo e não entoar cânticos discriminatórios. Nesse contexto, o não cumprimento dessas determinações implicará a impossibilidade de comparecimento aos campos, quadras e pistas para acompanhar eventos esportivos.

A Lei Crime Racial 7716/89²⁰, em seu artigo 1º, aponta que serão punidos os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, com pena de reclusão de um a três anos para quem impedir o acesso ou recusar atendimento em estabelecimentos esportivos, casas de diversões, ou clubes sociais abertos ao público. Outro ponto importante de se destacar é que o Código Penal Brasileiro, no seu artigo 140, descreve que injuriar alguém com a utilização de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião, origem ou à condição de pessoa idosa ou com deficiência pode causar reclusão de um a três anos e multa²¹.

Ainda nessa categoria temática sobre a legislação, a reportagem intitulada ‘Casos de racismo punidos pela Justiça Desportiva’²² reverbera 21 casos de práticas racistas no meio futebolístico em que os(as) agressores(as) foram punidos perante a lei. Dentre essas situações destaca-se aquelas em que: o árbitro Márcio Chagas, que apitou o jogo entre Esportivo e Veranópolis, foi vítima de racismo após a partida. Ao final do jogo o profissional encontrou seu carro amassado e com bananas em cima do veículo, que estava no estacionamento privativo do clube; o jogador Tinga, do Internacional, ouviu ofensas racistas vindo da torcida do Juventude cada vez que tocava na bola; o atleta Arouca é chamado de ‘macaco’ após goleada do Santos, por torcedores(as) do Mogi Mirim; e o goleiro Aranha, da equipe Santista, ouviu gritos de macaco dos(as) torcedores(as) gremistas.

Para finalizar, a matéria ‘Discriminação pela internet, como denunciar’²³ ensina como proferir uma denúncia contra casos de racismo cometidos pela internet, mencionando que só no ano de 2017 mais de três mil endereços eletrônicos distintos foram denunciados. Outro

¹⁸ Legislação disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/legislacao/convencao-internacional/>

¹⁹ Legislação disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/legislacao/estatuto-de-defesa-do-torcedor/>

²⁰ Legislação disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/legislacao/lei-crime-racial-7716/>

²¹ Legislação disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/legislacao/injuria-racial/>

²² Legislação disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/legislacao/casos-de-racismo-punidos-pela-justica-desportiva/>

²³ Legislação disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/legislacao/discriminacao-pela-internet-como-denunciar/>

importante documento produzido sobre esse tema foi o manual antirracismo no esporte²⁴, que reverbera orientações de como fazer essas denúncias apenas no meio esportivo.

Portanto, a promulgação de leis e políticas antidiscriminatórias contribuiu para a proteção dos direitos dos(as) jogadores(as) negros(as) e para a promoção da igualdade de oportunidades no futebol brasileiro. Medidas como a Lei Pelé, por exemplo, estabeleceram diretrizes para a proteção dos direitos dos atletas, independentemente de sua origem étnica, embora esse processo tenha sido marcado por desafios e conquistas na luta contra o racismo e na promoção da diversidade e inclusão no esporte, assim como apontam os estudos científicos de Abrahão *et al.* (2021), Sampaio e Mota (2024) e Farias, Silva e Lima (2024), problematizando que existe uma preocupação efetiva por parte das entidades com o crime de racismo, que viola os direitos humanos no Brasil e no mundo, mas todo esse aparato legislativo ainda não foi suficiente para superar essa realidade no meio futebolístico.

A legislação sobre o racismo no futebol evidenciada nessa categoria temática precisa ser problematizada com urgência nas aulas de Educação Física Escolar, pois como menciona Nobrega (2023), a educação brasileira faz parte de um contexto de segregação racial evidenciado no país ao longo do tempo. Portanto, analisar as relações entre o processo educativo e as “questões políticas, culturas afro-brasileiras, latino-americanas, violência, ideologia e sociedade capitalista (NOBREGA, 2023, p. 22) se torna essencial, pois é nesse contexto que as experiências político-pedagógicas serão produzidas pelos(as) docentes da Educação Básica. Nessa conjuntura, o futebol também está imbricado com todos esses aspectos, potencializando um debate crítico e transformador com os(as) estudantes sobre essa manifestação da cultura corporal no cotidiano escolar.

3.4 Histórias de resistências dos(as) atletas negros no mundo da bola

A reportagem intitulada ‘Como o futebol e a sociedade se uniram para integrar os negros’²⁵ problematiza a integração de atletas negros no futebol brasileiro, enfatizando uma história de lutas e conquistas marcada por diversos aspectos, como: origens no futebol amador, clubes pioneiros, resistência e preconceito, ícones da luta contra o racismo, a legislação e políticas antidiscriminatórias.

Inicialmente, a presença de jogadores negros era mais comum em equipes de futebol amador, no qual as barreiras de entrada eram menores em comparação com os clubes profissionais. Isso proporcionou uma oportunidade para que talentos fossem reconhecidos e desenvolvidos. Alguns clubes foram pioneiros na integração racial, contratando atletas negros em uma época em que a segregação racial ainda era predominante na sociedade brasileira.

Além da Ponte Preta, times como o Vasco da Gama se destacaram nesse aspecto, com o 'Expresso da Vitória' sendo uma das primeiras equipes a ter uma formação multirracial. A integração de jogadores negros enfrentou resistência e preconceito por parte de alguns setores da sociedade e até mesmo dentro do próprio meio esportivo, já que eles muitas vezes eram alvo de discriminação racial por parte de torcedores(as) e colegas de equipe, enfrentando obstáculos adicionais em suas carreiras. Ao longo do tempo, esses atletas se tornaram ícones

²⁴ Manual disponível em: https://drive.google.com/file/d/1GVCr_9_b-BWMeVm7o7jH92dvHu_425WO/view

²⁵ Reportagem disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/como-futebol-e-sociedade-se-uniram-para-integrar-os-negros/>

na luta contra o racismo, usando sua visibilidade e influência para promover a igualdade racial no esporte e na sociedade em geral.

O sucesso dos primeiros jogadores negros do Vasco ajudou a impulsionar o profissionalismo, abrindo espaço para esses atletas em outros clubes. A melhora na qualidade do jogo foi notável e ajudou a seduzir ainda mais o público. O sucesso da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, do time de Leônidas da Silva foi a melhor exposição possível para aquele futebol negro, de ginga, de talento inegável. Graças a essa transformação, a mudança da mentalidade da sociedade em geral também pôde se renovar, apesar do racismo estrutural ainda ser a regra.

A Ponte Preta, fundada em 1900, tem uma história marcada pela inclusão e pela luta contra o racismo no futebol brasileiro. Recentemente, o clube iniciou uma pesquisa histórica para validar a afirmação de que foi o primeiro a ter um jogador negro em seu elenco principal. A investigação busca documentos, registros e relatos que possam comprovar esse pioneirismo, desafiando versões históricas que apontam outros clubes como os primeiros a escalar atletas negros. A Ponte Preta, conhecida por sua identidade e resistência, visa reafirmar seu papel na promoção da igualdade racial no esporte e na sociedade brasileira²⁶.

A formação da cultura futebolística em Salvador é um reflexo da rica história e diversidade étnica do território. Durante séculos, lamentavelmente a respectiva cidade foi um importante centro de comércio de negros(as) escravizados(as). Todavia, esse contexto resultou em uma forte presença da cultura africana na região. Essa influência se reflete no estilo de jogo, na música e nas celebrações associadas ao futebol. A herança afro-brasileira também é evidente nas tradições das torcidas, com ritmos e danças características presentes nos estádios. Além disso, o futebol em Salvador, em diversos contextos, serviu como uma forma de resistência e afirmação cultural para a comunidade negra, proporcionando um espaço para expressão e orgulho²⁷.

Dando continuidade a esse debate, a reportagem intitulada ‘Clubes pioneiros na inserção do jogador negro no futebol brasileiro’²⁸ aponta que em 1907 foi fundado no Rio Grande do Sul o Riograndense, que teve entre seus fundadores o negro Francisco Rodrigues, pai de Lupcínio Rodrigues, autor de um dos hinos mais belos do futebol brasileiro, o do Grêmio. Em 1910, foi fundado por pessoas negras em São Paulo, a Associação Atlética São Geraldo, que veio a ser campeã em 1922 do campeonato do centenário da Independência do Brasil. O São Geraldo, assim como o Campos Atlético Associação, de Campos dos Goytacazes-RJ, em 1912, tem como característica o fato de ser fundado por e para os(as) negros(as).

Outra informação relevante sobre esse processo foi que o primeiro clube a ser campeão com jogadores negros foi o Bangu Atlético Clube da segunda divisão do carioca em 1911, uma década antes do Vasco, que saiu da terceira divisão para ser campeão da segunda em 1922 e da primeira em 1923. Em 1907, a Liga Metropolitana havia proibido a inscrição de jogadores negros nos clubes filiados. O Bangu repudiou a proibição e abandonou a competição.

²⁶ Reportagem disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/ponte-quer-provar-que-foi-o-clube-a-ter-negro/>

²⁷ Reportagem disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/entre-negros-e-brancos-consideracoes-sobre-a-formacao-da-cultura-futebolistica-em-salvador/>

²⁸ Reportagem disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/clubes-pioneiros-na-insercao-do-jogador-negro-no-futebol-brasileiro/>

Nesse processo histórico, muitas ligas informais de futebol foram organizadas por pessoas negras no início do século XX como forma de resistência dessa população. Elas ofereciam uma oportunidade para os jogadores negros competirem e se destacarem no esporte, já que muitos campeonatos oficiais estavam fechados para eles devido à segregação racial. Essas competições não apenas proporcionavam entretenimento e camaradagem, mas também serviam como plataformas importantes para a expressão cultural e a afirmação da identidade negra em um contexto socialmente restritivo. Entre os anos 1920 e 1930, São Paulo chegou a contar com 12 clubes disputando o campeonato informal. No Rio de Janeiro, o convívio entre morro e asfalto facilitou o intercâmbio futebolístico de negros e brancos. Veio da cidade o primeiro jogador negro a disputar uma partida oficial do esporte — Francisco Carregal, pela equipe do Bangu, em 1904. Alguns desses times e jogadores tornaram-se muito respeitados e reconhecidos em suas comunidades²⁹.

Indo ao encontro das reflexões em tela, no cenário paulista, Silva (2022) analisou o futebol de várzea produzido na cidade de São Paulo, a partir da história do Negritude Futebol Clube, time criado na década de 1980, construído prioritariamente por homens e mulheres negros(as), que ocuparam o espaço do recém-inaugurado Conjunto Habitacional nomeado Cohab I, articulando o desenvolvimento da prática futebolística amadora em uma das maiores metrópoles do país com a organização da juventude negra, que foi capaz de fundar o MNU – Movimento Negro Unificado, e ao mesmo tempo apresentar diversas formas de resistência, entre elas os bailes e o futebol, tão importantes para a demarcação da identidade racial e o combate ao racismo.

Silva (2021) descreve a relevância do Clube de Regatas Vasco da Gama para a inserção do negro no futebol, lutando contra o sistema elitista e racista que estava instaurado no país no início do século XX, pois o time fugia dos padrões impostos pela elite, já que, mesmo sendo basicamente um clube formado por brancos, aceitava e mesclava os jogadores independente de raça ou cor. O primeiro registro que valida a presença de atletas negros é a data de 1917 e, a partir daí, outras equipes cariocas abrem espaço para receber essas pessoas e, por consequência, tornar o futebol um dos esportes mais populares do país.

No âmbito das torcidas organizadas e o combate ao racismo no futebol, Sasso *et al.* (2023) apontam essas organizações como instituições sociais que possibilitam o trabalho formativo, de resistência cultural, política e democrática no Brasil, a partir de um estudo que analisou postagens realizadas no *Facebook* de quatro coletivos antifascistas do estado de São Paulo, que estão entre os mais populares na rede social (Bonde do Che, Coletivo Democracia Corinthians, Palmeiras Antifascista e Santos FC Antifascista). Nesse contexto, os(as) autores(as) descrevem que esses coletivos produziram publicações de repúdio a episódios racistas (no futebol ou outro ambiente), bem como críticas ao racismo estrutural, exaltação de pessoas negras e também situações diversas sobre refugiados(as), destacando o quanto os movimentos de torcedores e torcedoras podem ser fonte de informação e educação, com potencial para atuar como resistência às opressões à mercantilização do futebol e da vida no Brasil.

'Futebol a cores: uma história de racismo no Rio Grande do Sul' é uma reportagem profunda publicada no site do observatório que mergulha nas raízes do racismo no futebol da região. O texto aborda eventos históricos, como a exclusão de jogadores negros dos times gaúchos no passado, destacando as lutas e resistências enfrentadas por esses atletas. A

²⁹ Reportagem disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/negros-formaram-ligas-de-futebol-informais-no-inicio-do-seculo-xx/>

produção textual examina também a relação entre torcidas organizadas e o aumento de incidentes racistas nos estádios, além de entrevistar jogadores, treinadores e ativistas que compartilham suas experiências e perspectivas sobre o assunto. A pesquisa realizada e não só expõe os problemas, mas propõe reflexões sobre como o futebol pode ser uma ferramenta para combater o racismo e promover a inclusão social³⁰.

A 'Liga da Canela Preta' é uma expressão que encapsula a luta e a resistência dos jogadores negros no futebol brasileiro ao longo da história. Ela representa não apenas a excelência técnica desses atletas, mas também as barreiras sociais e estruturais que tiveram que enfrentar para alcançar o reconhecimento e a igualdade dentro do esporte. Essa liga simbólica destaca como muitos jogadores negros foram subestimados, marginalizados e até mesmo impedidos de jogar em certos times devido ao racismo arraigado na sociedade e no próprio meio esportivo. No entanto, esses atletas perseveraram, desafiaram estereótipos e se tornaram ícones do futebol brasileiro, inspirando gerações futuras. A 'Liga da Canela Preta' também serve como um lembrete poderoso da importância da representatividade e da diversidade no esporte, enfatizando a necessidade contínua de reconhecer e valorizar as contribuições dos jogadores negros para a rica diversidade do futebol brasileiro e global. É um chamado para a inclusão, a justiça social e o fim do racismo no esporte e na sociedade como um todo³¹.

José Antônio dos Santos, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pesquisador da história e da cultura negra no Brasil, também foi entrevistado no site do projeto e analisou A Liga Nacional de Football Porto Alegre no início do século XX, que ficou conhecida como 'Liga da Canela Preta', fundada em Porto Alegre no final dos anos de 1910, para congregar times de futebol formados, na sua maioria, por jogadores negros³², assim como problematizado na matéria destacada anteriormente.

A prática do futebol no sul do Brasil também tem se destacado na produção acadêmica. Rodrigues (2022) investigou a participação negra no processo de construção do futebol em Porto Alegre em um contexto de pós-abolição. O autor menciona que o ano de 1907 marca a fundação do possível primeiro time negro na capital e 1921 se torna a data do primeiro aniversário daquela que se tornaria uma das principais organizações futebolísticas entre os negros: a Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegre, conhecida popularmente como Liga da Canela Preta, evidenciando que em um primeiro momento o futebol era uma atividade estritamente de elites brancas, sendo essa realidade gradualmente modificada a partir de década de 1920, com a inserção de jogadores negros nas equipes e ligas oficiais.

Mackedanz, Silva e Rigo (2021) descreveram a consolidação da Liga de Futebol José do Patrocínio, bem como problematizaram o papel que essa competição desempenhou junto à comunidade negra pelotense no pós-abolição (1919-1936), sendo esse um espaço de resistência contra os parâmetros elitistas e racistas do futebol na cidade de Pelotas. Nesse mesmo contexto, Lima (2023) investigou a história de dois times negros de futebol que existiram em Santa Maria-RS, o Club Foot Ball 7 de Setembro e o Sport Club Rio Branco, o primeiro fundado em 1916 e o segundo sendo mencionado nas fontes em 1920, procurando entender o contexto do pós-abolição a partir de um ponto de vista de clubes negros de futebol

³⁰ Reportagem disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/futebol-a-cores-uma-historia-de-racismo-no-rio-grande-do-sul/>

³¹ Reportagem disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/historias/liga-da-canela-preta/>

³² Entrevista disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/entrevistas/com-jose-antonio/>

na respectiva cidade, colocando em evidência o protagonismo e transgressão do povo negro nesse período.

Por fim, a reportagem intitulada ‘Como o futebol moldou a identidade cultural do brasileiro’³³ enfatiza a importância da história da modalidade esportiva no contexto nacional, pois aquilo que acontecia em campo e nas arquibancadas era influenciado pelos rumos do país, mas também ajudava a reger as mudanças políticas, econômicas, sociológicas e antropológicas no Brasil. Atualmente, essa prática corporal se faz presente na literatura, no cinema, na dramaturgia, na música, nas artes plásticas, nas expressões linguísticas e corporais dos(as) brasileiros(as).

Portanto, essas histórias de resistência influenciadas pelos aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais que atravessam o futebol precisam ser temas das aulas de Educação Física Escolar, se quisermos formar nas novas gerações uma postura crítica e reflexiva sobre essas temáticas (NOGUEIRA; MALDONADO; FREIRE, 2023), além de um letramento racial que possibilita atitudes antirracistas e cidadãs no seio da sociedade.

4 Considerações Finais

Embora o racismo continue sendo uma mancha na estrutura social, é importante reconhecer os esforços feitos por organizações, como o observatório da discriminação racial no futebol, para combater esse problema. A conscientização, a educação e a implementação de políticas mais rigorosas são passos essenciais para criar um ambiente no qual essa prática da cultura corporal possa verdadeiramente celebrar a diversidade e a equidade.

Para alcançar esse objetivo, o projeto em tela tem problematizado de forma crítica as cenas de racismo no mundo da bola, o aparato legislativo produzido sobre o racismo no futebol e as histórias de resistência evidenciadas por atletas negros(as) no meio da respectiva prática esportiva. Somente com uma abordagem abrangente e determinada podemos esperar erradicar o racismo do esporte e criar um ambiente mais justo e inclusivo para todos(as) os(as) envolvidos(as).

Sem sombra de dúvidas, esse debate sobre as relações raciais que atravessam o futebol pode potencializar as problematizações nas aulas de Educação Física Escolar, principalmente se os(as) docentes do componente curricular compreenderem que a sua função social na escola é ampliar a leitura de mundo dos(as) estudantes sobre os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade relacionados com as práticas corporais, buscando assim a justiça curricular/social (TORRES SANTOMÉ, 2013) nas suas práticas político-pedagógicas.

Nesse cenário, o observatório da discriminação racial do futebol tem se tornado um espaço relevante para a produção do conhecimento sobre a referida temática. Portanto, esperamos que esse artigo possa colocar em evidência o projeto e estimular essas reflexões em aulas de Educação Física espalhadas por todo o território nacional.

Referências

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge. O que o brasileiro não esquece nem a tiro é o frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro.

³³ Reportagem disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/textos/como-o-futebol-moldou-a-identidade-cultural-do-brasileiro/>

Movimento, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 13-31, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3033/5132>. Acesso em: 26 mai. 2024.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda *et al.* A discriminação racial e a legislação do futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 35, n. Especial, p. 99-106, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/187915>. Acesso em: 27 mai. 2024.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 985-998, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/61508>. Acesso em: 26 mai. 2024.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://uwe-repository.worktribe.com/output/1043060>. Acesso em: 07 mai. 2024.

CAPRARO, André Mendes; CAVALCANTI, Everton Albuquerque. Racismo no futebol sul-americano: o caso Grafite versus Desábato. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 4, p. 741-748, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2315>. Acesso em 26 mai. 2024.

CAVALCANTI, André dos Santos Souza. Movimentos negros e Educação Física – lutas, percursos e disputas por um protagonismo legítimo. *In*: CARVALHO, Rosa Malena de Araújo; PALMA, Alexandre; CAVALCANTI, André dos Santos Souza. **Educação Física, soberania popular, ciência e vida**, Niterói: Intertexto, 2022. p. 134-148.

COELHO, Márcio Cardoso. “**Te afirma, sor Mácio**”: experiência negra, negritude, Educação Física e educação libertadora em uma autoetnografia crítica em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, 2023.

COIMBRA, Gustavo Amaral; SOUSA, Kátia Menezes. Racismo, ressentimento e resistência: o baile de Vinícius Júnior sobre o recalque espanhol. **Revista de Estudos do Discurso**, n. 12, p. 15-42, 2023. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/13229>. Acesso em: 26 mai. 2024.

CORSINO, Luciano Nascimento; CONCEIÇÃO, Willian Lazaretti. **Educação Física Escolar e relações étnico-raciais**: subsídios para a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08. Curitiba: CRV, 2016.

FARIAS, Gabriel Cerqueira de Melo; SILVA, Andrey de Farias Martins; LIMA, Paulo Ricardo Silva. O racismo dentro das quatro linhas: reflexões acerca das legislações e discriminação no futebol brasileiro. **Diversitas Journal**, v. 9, n. 1, p. 30-36, 2024. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/2813. Acesso em: 27 mai. 2024.

FORMOSO, Felipe Guaraciaba. Decolonialidade e Educação Física: epistemes e pedagogias outras como possibilidade de uma educação antirracista. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1–16, 2022. Disponível

em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3733>.
Acesso em: 14 mai. 2024.

LIMA, Taiane Anhanha. **Clubes negros de futebol em Santa Maria no pós-abolição (1916-1932)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Rio Grande do Sul, 2023.

LISE, Riqueldi Straub *et al.* O caso Tinga: analisando (mais) um episódio de racismo no futebol sul-americano **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, p. 821-833, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/32123>. Acesso em: 26 mai. 2024.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaso Afonso. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 6ª ed. São Paulo: EPU, 2003.

MACKEDANZ, Christian Ferreira; SILVA, Daniel Vidinha; RIGO, Luiz Carlos. Liga de futebol José do Patrocínio (1919-1936): um símbolo de resistência ao preconceito racial no futebol pelotense. **Projeto História**, São Paulo, v. 70, p. 235-260, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/49714>. Acesso em: 26 mai. 2024.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia. O lugar da cultura negra, afro-brasileira e indígena nas aulas de Educação Física. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, p. 1-7, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/26982>. Acesso em: 07 mai. 2024.

MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Maria Eleni Henrique; MARTINS, Raphael Moreira. **Educação Física Escolar e justiça social: experiências curriculares na educação básica**. Curitiba: CRV, 2022.

MORAES, Marcos Aurélio Guidetti. **Educação Física Escolar em uma perspectiva libertadora: a tematização de jogos e brincadeiras de matriz indígena e africana**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho, 2024.

NEIRA, Marcos. **Práticas corporais: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas**. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. Por uma educação física antirracista. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 34, n. Especial, p. 51-61, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/173145>. Acesso em: 14 mai. 2024.

NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. Orí-entações afro-feministas e prioridades negras para a Educação Física Escolar. *In*: NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. **Perspectiva negra na Educação Física**. São Paulo: Casa Flutuante, 2023. p. 18-50.

NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira; FREIRE, Elisabete dos Santos. A construção coletiva de princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos da Educação Física Escolar libertadora. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, n. Edição Especial, p. 296-319, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/69138>. Acesso em: 19 mai. 2024.

OLIVEIRA, Maria Clara Matias; MALDONADO, Daniel Teixeira. Práticas corporais e a cultura afro-brasileira no Portal Geledés: problematizações potentes para a Educação Física

Escolar. **Arquivos em Movimento**, v. 19, n. 1, p. 327-347, 2023. Disponível em:
<https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/geledes>. Acesso em: 26 mai. 2024.

RODRIGUES, Diego Lemos. **Dos campos às páginas**: a participação negra na construção do futebol em Porto Alegre no pós-abolição (1907-1921). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em História, Porto Alegre, 2022.

SAMPAIO, Micharlen Braga; MOTA, Guilherme Gustavo Vasques. Discriminação racial no esporte: o racismo e a legislação do futebol brasileiro. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciência e Educação**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 2653-2673, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13423>. Acesso em: 27 mai. 2024.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, ano 1, n. 1, jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 07 mai. 2024.

SASSO, Andrea Geraldi *et al.* Alta modernidade e educação: o movimento político nas torcidas de futebol como campo de resistência cultural e democrático. **Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 28, n. 1, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/9996>. Acesso em: 26 mai. 2024.

SILVA, Matheus dos Santos. O futebol como forma de ascensão social do negro no início do século XX: o Rio de Janeiro e o C. R. Vasco da Gama. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 13, n. 52, p. 88-110, 2021. Disponível em: <https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1072>. Acesso em: 26 mai. 2024.

SILVA, Roberta Pereira. A importância do futebol de várzea para a população negra de São Paulo (SP). **Revista Desenvolvimento Social**, v. 28, n. 1, p. 104-121, 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/5676>. Acesso em: 26 mai. 2024.

SOUZA, Bruno Moreira. Descolonização do corpo negro nas aulas de Educação Física Escolar: corpos historicamente invisibilizados construindo liberdade. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3741>. Acesso em: 14 mai. 2024.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira *et al.* Injúria racial no futebol brasileiro: uma análise sócio-histórica de alguns casos (não tão) esporádicos ocorridos nos últimos anos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 46, p. 230-240, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n46p230>. Acesso em: 26 mai. 2024.

TORRES SANTOMÉ, Jurjo. **Currículo escolar e justiça social**: o cavalo de troia da educação. Porto Alegre: Penso, 2013.

Contribuições da autoria

Anna Flávia Nascimento Jesus: Conceitualização, Investigação, Redação.

Daniel Teixeira Maldonado: Supervisão/Orientação, Redação.

Data de submissão: 28/05/2024

Data de aceite: 11/07/2024